

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DESCONSTRUINDO A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” POR MEIO DO ENSINO DE HISTÓRIA

Renilson Pereira de Freitas Júnior

Mestrando em ensino de História pela Universidade Federal de Goiás

renilsonjuniorbr@icloud.com

CAPÍTULO 1 - BRASIL PARALELO: A ASCENSÃO DA MÍDIA REACIONÁRIA NO PAÍS

A pesquisa tem como objetivo investigar como o discurso de extrema-direita utiliza os estudos de gênero e sexualidade para criar a narrativa da “ideologia de gênero”, que, segundo os conservadores, vem destruindo um dos pilares da “cultura ocidental”, a família nuclear, formada por pai, mãe e filhos. Analisamos o documentário Geração sem gênero (2020), da produtora de conteúdos audiovisuais de extrema-direita Brasil Paralelo¹, que produz material supostamente educativo nas áreas de história, política, filosofia e outras.

Criada pelos sócios Lucas Ferrugem, Henrique Viana e Filipe Valerim, a produtora - que surgiu em Porto Alegre-RS, em 2016, ano do impeachment de Dilma Rousseff - nasceu pela iniciativa de um “grupo de jovens empreendedores” que teve um “despertar de consciência política” (BOLETIM DA LIBERDADE, 2018). Suas produções se baseiam num jogo binário entre a defesa de negacionismo histórico, nacionalismo, tradição, reacionarismo, “alta” cultura, liberalismo, capitalismo, religiosidade, anticomunismo, essencialismos e o ataque ao espectro político de esquerda, comunismo, academia, “globalismo”, ciência, arte “degenerada”, movimentos sociais e desnaturalizações do mundo social.

Apesar de propagandear que suas produções são totalmente financiadas com recursos captados de seus membros assinantes, em 2017, apenas um ano após seu nascimento, a Brasil Paralelo já tinha adquirido um montante (supostamente arrecadado de forma exclusiva com a venda de suas palestras) suficiente para produzir e exibir em cinemas da franquia Cinemark de São Paulo e de Porto Alegre um filme de qualidade

¹ Nome fantasia da empresa LHT Higgs Produções Audiovisuais LTDA.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

técnica profissional, “Impeachment - do apogeu à queda” (2017), uma contraposição à visão de que Dilma Rousseff havia sofrido um golpe judicial-midiático-parlamentar. Segundo Paulo (2020), a ascensão meteórica da produtora cria a sua narrativa liberal de sucesso a partir dos esforços da iniciativa privada contra a ineficiência e corrupção estatal. Entretanto, a realidade não parece sugerir que o discurso meritocrático da Brasil Paralelo seja completamente factível.

Em estudo realizado por Carvalho e Rovida (2018), em *Brasil: a última cruzada* (2017), a produtora de extrema-direita reproduz uma mentalidade historiográfica do século XIX, ultrapassada, pois pretende reativar, à sua própria maneira, os mitos de fundação do Estado nacional brasileiro e a busca por heróis e fatos grandiosos com o objetivo de resgatar um passado glorioso e recriar na sociedade atual uma identidade, um sentimento e supostos valores nacionais para homogeneizar subjetivamente o país. Porém, um dos efeitos disso seria a legitimação do poder das classes dominantes, pois sob uma identidade nacional mistificada os conflitos sociais baseados em raça, gênero, sexualidade e classe pouco importariam.

A Brasil Paralelo tem um canal no Youtube - plataforma de vídeos mais popular do mundo - que serve tanto para divulgação de suas produções audiovisuais gratuitas como de chamariz para que o público liberal, conservador e reacionário acesse o site da empresa e pague para ter acesso ao seu material exclusivo. No Youtube, onde tem centenas de vídeos publicados, o canal da produtora (BRASIL PARALELO, 2021a) tem mais de 1,84 milhão de perfis inscritos², o que demonstra sua grande influência perante o público de direita brasileiro.

Já o site da produtora diz que a empresa foi pioneira no desenvolvimento de “uma nova forma de se estudar história, política e economia” via filmes e cursos para desde “o estudante que se prepara para a universidade até um senhor de idade que viveu em diferentes épocas do Brasil”³ (BRASIL PARALELO, 2021b, n.p.). A navegação pelo site se dá por meio de abas para acesso à assinatura de planos, séries audiovisuais,

² Dados referentes à data de 10 de julho de 2021 sobre o canal no Youtube da Brasil Paralelo.

³ Dados referentes à data de 8 de julho de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

núcleo de formação⁴, artigos⁵, ajuda (respostas a questionamentos sobre o funcionamento da empresa) e até oferecimento de vagas de trabalho⁶.

O alinhamento do Brasil Paralelo à ideologia autoritária de Bolsonaro⁷ é datado de antes, e possivelmente até independentemente, da eleição do presidente de extrema-direita no país, mas é curioso notar como, apesar do reiterado discurso de completa independência financeira em relação a recursos públicos, a produtora conseguiu acelerar o ritmo de suas produções audiovisuais de qualidade técnica profissional e orçamento milionário⁸ após a eleição do presidente, mantendo-se somente com a arrecadação de seus membros – a empresa reportou que em maio de 2021 possuía 200 mil assinantes consumidores dos conteúdos produzidos em seu site próprio, o que representa um grande salto em relação ao número de 2019, de cerca de 12 mil assinantes, e uma ascensão explosiva da mídia de extrema-direita no país (ZANINI, 2021).

CAPÍTULO 2- “DOCUMENTÁRIO” GERAÇÃO SEM GÊNERO: DISCUTINDO A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” COM A BRASIL PARALELO

⁴ O site informa que oferece mais de quarenta de seus cursos de formação, ministrados por professores “renomados”. Entre tais cursos, encontra-se “A Família e a Escola na Educação” (Prof. João Malheiro); “O que é Capitalismo” (Prof. Lucas Ferrugem); “Um Passeio pela História do Liberalismo” (Prof. Ricardo Gomes); “Filosofia Política” (Prof. Marcus Boeira); “Arte, Imaginação e Sentido” (Prof. Paulo Cruz); “Formação da Personalidade” (Prof. Bruno Lamoglia); “Fé e Liberdade” (Prof. Alejandro Chafuen); “Desconstruindo Paulo Freire” (Prof. Thomas Giulliano); “Fundações do Pensamento Político Brasileiro” (Prof. Christian Lynch); e “Introdução à Escola Austríaca” (Prof. Felipe Rosa). Dados referentes à data de 8 de julho de 2021

⁵ Os artigos são divididos em três seções: história, filosofia e política. O “perigo vermelho” é associado ao “perigo verde” no artigo “Greenpeace – a história não contada”(2021), pois à organização que dá nome ao título do artigo nutria simpatia à União Soviética. Já em outro artigo, “Entenda como foram os primeiros contatos entre portugueses e indígenas. Curiosamente, as escolas não ensinam assim” (2021), o escambo entre portugueses e indígenas no Brasil é defendido como justo. Dados referentes à data de 8 de julho de 2021.

⁶ Vinte e nove vagas distribuídas para as áreas de marketing; *customer success*; produção; comercial; tecnologia; recursos humanos; produtos; núcleo de formação; atendimento; suporte TI; e diretoria executiva. Dados referentes à data de 8 de julho de 2021.

⁷ No dia 8 de julho de 2021, Bolsonaro ameaçou o país afirmando que não haveria eleição presidencial em 2022 caso não houvesse voto impresso, sob a alegação da existência de fraudes nas urnas brasileiras, por mais que ele mesmo tenha sido eleito várias vezes como deputado federal e, depois, como presidente da República, por meio do voto eletrônico. Em 2018, ano da eleição que tornou Bolsonaro presidente da República, o canal da Brasil Paralelo no Youtube publicou o vídeo *Urnas Eletrônicas – Operação Antifraude (Divulguem)*, em que Hugo César Hoeschl, ex-procurador da Fazenda Nacional, que fraudou o próprio currículo, diz que a eleição de 2014, vencida por Dilma Rousseff, foi manipulada pelo voto eletrônico e que existia grande possibilidade das urnas brasileiras também serem fraudadas em 2018. Ele não apresentou nenhuma prova material a respeito (PAVARIN, 2018).

⁸ Somente a produção da série *Pátria Educadora* (2020), de três episódios, pela Brasil Paralelo, foi orçada em dois milhões de reais (PAULO, 2020).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre seus “documentários”, a Brasil Paralelo produziu um denominado *Geração sem gênero* (2020), segundo capítulo da série *As grandes minorias* (trilogia que, além de *Geração sem gênero*, também conta com os capítulos chamados *Antifascismo* e *Black Lives Matter*, todos em tom de crítica e denúncia contra movimentos sociais). Em 8 de julho de 2021, esta produção audiovisual contava com mais de 718 mil visualizações no Youtube, além de 86 mil marcações como “gostei”⁹ e 7.280 comentários. Roteirizado e dirigido por Henrique Zingano, a película da produtora de conteúdos, para garantir sua versão homogênea e unânime da história narrada, conta somente com a participação de pessoas alinhadas à direita reacionária, como a atual deputada estadual por Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo¹⁰ (PSL), a ex-jogadora de voleibol Ana Paula Henkel¹¹ e Felipe Nery¹².

Antes de iniciarmos a análise do conteúdo do documentário, faz-se necessário que nos interroguemos sobre a história da temática que justifica a sua produção: “ideologia de gênero”. Segundo Miskolci & Campana (2017), a “ideologia de gênero” começou a ser alardeada por grupos conservadores depois de 2008, inicialmente na Europa e depois na América Latina e nos Estados Unidos, mas suas origens são anteriores ao século XXI, dando-se em 1997, na igreja católica, mais especificamente por meio do papa emérito Bento XVI, que, à época, ainda era o cardeal Joseph Aloisius Ratzinger (1927).

Naquele ano, Ratzinger escreveu, entre outras coisas, que, por meio do conceito de gênero se busca “[...] a pretendida revolução contra as formas históricas da sexualidade [que] culmina em uma revolução contra os pressupostos biológicos [...]” (1997, RATZINGER, p.142 apud MISKOLCI & CAMPANA, 2017, p. 726). Para o

⁹ Dispositivo de aprovação individual dada pelo usuário ao conteúdo audiovisual produzido e publicado na plataforma de vídeos.

¹⁰ Em 29 de outubro de 2018, logo após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República, Campagnolo abriu um canal informal de denúncias na internet para que estudantes denunciassem seus professores “doutrinadores”. A deputada estadual pedia que os alunos registrassem estes professores por meio de gravação em vídeo e lhe informassem o nome do docente, da escola e da cidade (LINDNER, 2018).

¹¹ A participação de Henkel na produção da Brasil Paralelo se limitou a criticar a existência de jogadoras transgênero em competições esportivas femininas. Como este assunto, assim como o da linguagem, não será tratado nesta pesquisa, citaremos somente as participações de Campagnolo e Nery a partir de então.

¹² Professor e membro do Observatório Interamericano de Biopolítica, organização conservadora envolvida em debates sobre gênero e diversidade sexual no país, inclusive no Congresso Nacional (CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL, 2014).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cardeal, a teoria de gênero representaria uma insurreição da humanidade contra os seus limites biológicos. O objetivo desta ideologia, continua a autoridade católica, seria tornar o ser humano seu próprio criador, sem intervenção divina, motivo pelo qual ele se posicionou contrariamente ao feminismo e à existência de direitos sexuais e reprodutivos. O cardeal reagia então à Conferência Mundial de Beijing sobre a Mulher, ocorrida em 1995 e organizada pelas Nações Unidas.

Nesta quarta edição da Conferência, o termo “mulher” foi substituído pelo de “gênero”, pois se justificou que a desigualdade entre homens e mulheres deveria, a partir daquele momento, ser abordada por meio de uma perspectiva integral de gênero. Como reação a essa conferência, o papa João Paulo II, em sua “Carta às mulheres” (1995) e, depois, na sua “Carta aos Bispos” (2004) insistia numa visão essencializada de homens e mulheres, como fica claro na sua defesa da maternidade como estruturante da identidade feminina. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007) produziu um texto chamado “Documento de Aparecida” associando “ideologia de gênero”, “orientação sexual”, “natureza humana” e defesa da “identidade da família”. Setores cristãos e conservadores também se articularam em sua ofensiva contra o feminismo e a teoria de gênero (MISKOLCI & CAMPANA, 2017).

De acordo com Tiburi (2018), “ideologia de gênero” é uma expressão criada por religiosos que tem como efeito deturpar o sentido da categoria analítica de gênero e produzir um discurso de negação a gênero no debate político. Referindo-se à origem católica da “ideologia de gênero”, a autora compara a negação da igreja em reconhecer a teoria de gênero à sua antiga visão geocêntrica de universo, abalada por Galileu (1564-1642), que provou a validade do sistema heliocêntrico onde a Terra perdeu o protagonismo que a religião havia lhe conferido. Dessa forma, o discurso religioso baseado na “natureza” busca hoje defender uma causa de caráter caduco e enganoso: “É como se falar de ideologia de gênero servisse para ocultar a ideologia de gênero de quem professa o discurso contra a ideologia de gênero. O patriarcado, nesse sentido, sempre foi ‘ideologia de gênero’” (TIBURI, 2018, np).

Feitas essas considerações a respeito da origem histórica da “ideologia de gênero”, iniciamos a análise do conteúdo do “documentário” Geração sem gênero (2020). Em sua introdução, observamos que a produção audiovisual apela ao espectador

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para que este a financie por meio da assinatura mensal de um de seus planos para, junto com a empresa, “mudar a cultura do Brasil”. A produtora também afirma que ela própria se trata de uma “iniciativa independente e apartidária” que não aceita nenhum recurso público e que precisa ser financiada por seus membros para a sua batalha contra a grande mídia brasileira, pois esta última trabalharia para “desinformar” dezenas de milhões de pessoas diariamente.

Dessa maneira, percebemos duas ferramentas discursivas utilizadas pela Brasil Paralelo: a primeira é a narrativa liberal de transformação social por meio da iniciativa privada e do empreendedorismo (neste caso, transformação social protagonizada pela própria empresa). A segunda ferramenta utilizada é se arvorar num projeto missionário, como se estivesse numa cruzada ideológica, para transformar a educação e a cultura brasileira por meio de formação e transmissão de informação não enviesada e “verdadeira” à população, “vítima” da manipulação das grandes empresas dos meios de comunicação.

Como já percebemos, por meio das produções da Brasil Paralelo, a cultura nacional, na visão da empresa, baseia-se no resgate de um sentimento e de uma identidade nacionais essencializados e elitizados que buscam homogeneizar a sociedade, o que nos leva também a compreender melhor o discurso simplista da produtora de conteúdos, que, incapaz de compreender a complexidade do mundo, da história e da política – ou encontrando na bipolaridade uma forma lucrativa para engajar e radicalizar pessoas para seu próprio projeto de poder ou, talvez, o de possíveis financiadores ocultos - torna tudo uma luta do bem contra o mal, dos “patriotas” contra os “comunistas”.

Geração sem gênero (2020) começa de fato após mais de dois minutos de anúncios. Na tela, a ideia introdutória, característica marcante da Brasil Paralelo, é fazer uma contraposição entre coisas que seriam diametralmente opostas. No “documentário” em questão, isto é realizado ao se mostrar dois modelos de sociedades e de valores, o que é seguido por julgamentos morais para traçar as fronteiras entre o “bem” e o “mal”. Utilizando, ao que parece, imagens de variados filmes norte-americanos da primeira metade do século passado que desfilam seguidamente na tela sob o som da nostálgica canção *Tonight You Belong To Me* (1956), de *Patience and Prudence*, como se um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

passado idealizado estivesse perdido, a produção audiovisual mostra diversas pessoas exclusivamente brancas, magras e de classes média e alta.

A imagem da família nuclear - formada por pai, mãe e filhos - dita a tônica da montagem: quando toda a família não está religiosamente sentada à mesa para as refeições ou reunida de forma harmônica e feliz na sala de estar, as mulheres aparecem realizando serviço doméstico: uma mulher, que possivelmente seria a mãe, ensina sua filha a passar roupas; outra serve café ao que poderiam ser seu marido e seu filho; e, uma última, que parece ser a esposa, guarda cerveja na geladeira a pedido de seu companheiro.

Outra imagem se passa e, de repente, como num despertar para o presente, um arco-íris (referência aos movimentos LGBTQIA+) surge, a batida sonora se acelera e as coisas mudam de figura, como se o “perigo multicolorido” agora ameaçasse a ordem. A diversidade de corpos se instala: mulheres negras, transgênero, miscigenadas, gordas, homens *gays* e *drag queens*¹³ aparecem nas imagens. Se antes a canção e as imagens das famílias nucleares reunidas transmitiam uma sensação doce de proximidade e de aconchego, agora a nova montagem é marcada pelo distanciamento e pelo incômodo.



¹³ Homens que performatizam artisticamente e parodiam o gênero feminino.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 1. Mãe, esposa e doméstica: a mulher essencializada

Fonte: Geração sem gênero, 2020. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/193467711@N05/51317392452/in/dateposted-public/>> Acesso em: 17 jul. 2021



Figura 2. O perigo multicolorido: a ascensão LGBT

Fonte: Geração sem gênero, 2020. Disponível em:<<https://www.flickr.com/photos/193467711@N05/51319135480/in/dateposted-public/>> Acesso em: 17 jul. 2021

Basta, portanto, poucos minutos de vídeo para que uma terceira e uma quarta ferramentas discursivas da Brasil Paralelo se somem às aquelas duas primeiras¹⁴. A terceira ferramenta é a oposição binária, que agora passa a ser, além de “bem” e “mal”, principalmente “normal” e “anormal”, “natureza” e “degeneração”, heterossexualidade e não-heterossexualidade; e, a quarta, a defesa reacionária de um modelo estático de sociedade onde homens e mulheres têm identidades essencializadas. Enquanto a família “tradicional” eurocentrada e heteronormativa, com papéis sociais muito bem definidos, é sacralizada como modelo universal a seguir, o aparecimento social de pessoas LGBTQIA+ é tido, pela produtora de conteúdos, como o sinal da corrosão social que a sociedade teria sofrido ao longo do século XX e especialmente no momento presente.

¹⁴ As duas primeiras ferramentas discursivas utilizadas pela produtora são a transformação social por meio da iniciativa privada e o caráter missionário para transformar a cultura e a educação nacional.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Após a introdução repentina do elemento LGBTQIA+ na produção audiovisual, a imagem da família nuclear desaparece e cede lugar a um modelo de sociedade onde as antigas certezas e “verdades” parecem borradas, como se, na realidade concreta, famílias “tradicionais” não pudessem coexistir com outras formas de organização familiar, o que cria a ideia de antagonismo. Além disso, de forma extremamente preconceituosa e sexista, a *Brasil Paralelo* traz como papel social da mulher no interior da família um lugar de subordinação: as imagens e as ideias que transmite são de uma mulher essencializada num misto de mãe cuidadosa, esposa obediente e empregada doméstica eficiente.

Podemos incluir nessa discussão as ideias de Bento (2012), para quem a família nuclear é apenas uma possibilidade entre tantas outras. Entretanto, insistindo na simples reprodução de um modelo tido como superior, nossa sociedade idealiza uma divisão binária de família baseada nas diferenças sexuais entre macho e fêmea, o que restringe a noção de organização familiar aos marcos da heterossexualidade. Sob a imagem da “soberania da natureza”, homens e mulheres se complementaríamos perfeitamente e perpetuaríamos a espécie humana, o que serve de justificativa para que intolerantes vejam com desprezo e lutem para suprimir outras formas de vida.

Para demonstrar como outras organizações familiares são possíveis e necessárias, por meio de suas pesquisas de campo a autora descreve a vida de travestis que foram abandonadas ou expulsas de casa por suas famílias de origem, que não aceitaram sua identidade de gênero. Muitas vezes, além de serem rejeitadas pela própria família nuclear, que nossa cultura associa a cuidado e afeto¹⁵, pessoas transgênero sofrem uma segunda exclusão, a do restante da sociedade, o que torna a sua sobrevivência ainda mais incerta. Unindo-se então a pessoas que tiveram destino parecido ao seu, é comum que travestis criem suas alianças e famílias próprias por meio de organizações originais que têm suas próprias regras.

¹⁵ Bento (2012) faz uma interessante análise de histórias bíblicas do Antigo Testamento para demonstrar que as inspirações conservadoras para o que eles chamam por “família tradicional” não raramente serviram como modelo de opressão patriarcal para punir e infligir dor entre seus membros: a expulsão de Adão e Eva do paraíso e sua vida de amarguras por desejo de um Deus-pai vingativo; o fratricídio de Caim contra Abel; o incesto praticado por Ló, que obteve netos mantendo relações sexuais com suas próprias filhas. Apesar disso, em nome de Deus e de uma verdade sagrada, fundamentalistas acusam outras organizações familiares e modelos de alianças de buscar destruir a família “perfeita”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vivendo como prostitutas, é comum a identidade da “bombadeira”, que é a figura da travesti que tem experiência e conhecimento prático para aplicar silicone líquido no corpo das demais, trabalho muito prestigiado que lhe confere um lugar de ascendência nas estruturas internas das vivências travestis, por isso a “bombadeira” se constitui como figura materna para as demais, cuidando, protegendo e punindo as suas filhas (BENTO, 2012). Histórias como essa demonstram como a família nuclear, defendida pela Brasil Paralelo como modelo sacralizado e “correto”, também pode se constituir como organização que exclui, oprime, violenta e até mata, mas também que existe uma diversidade de famílias possível.

Retornando ao documentário, percebemos que junto àquelas primeiras imagens são vistas também propagandas pró-diversidade de grandes marcas mundiais do capitalismo, como *Coca-Cola*, *Sprite*, *Levi's*, *Skol*, *Doritos* e a do próprio *Youtube*, associadas, ao que tudo já indica ao espectador, à “ideologia de gênero”. Para não existirem dúvidas sobre o que se trata são adicionadas pessoas posando e carregando mensagens como “*Trans rights are human rights*”, “*Bisexual is beautiful*”, “*Non-binary people are valid*” e o cantor brasileiro Johnny Hooker gritando “*Jesus é travesti sim!*”.

Dessa forma, uma quinta e interessante ferramenta discursiva da Brasil Paralelo é adicionada às demais: a produtora de conteúdos, para lograr cumprir seu projeto missionário, se coloca como espécie de *outsider* entre os meios de comunicação, como mídia alternativa de direita que se volta contra o *mainstream* de esquerda, que dominaria a educação, a cultura, a mídia e até mesmo a elite do mercado, o que justificaria o discurso da extrema-direita de que existe um suposto domínio do “marxismo cultural” no mundo que se materializaria por meio de uma “ideologia globalista”, que estaria associada à “ideologia de gênero”.

A Brasil Paralelo, pintando-se com cores de rebeldia antissistêmica, denuncia então em sua película a conspiração contra a família nuclear e a heterossexualidade patrocinadas pelo sistema “corrompido”. Apesar disto, a empresa não se volta contra o mercado e contra o neoliberalismo, que promoveriam, na sua visão, o multiculturalismo, a homossexualidade, a transexualidade, novos papéis sociais para homens e mulheres e a deturpação dos valores tradicionais, mas buscaria apenas sua “restauração”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 3. Identidade de gênero e o mito da essência humana

Fonte: Geração sem gênero, 2020. Disponível em: <
<https://www.flickr.com/photos/193467711@N05/51318364483/in/dateposted-public/>> Acesso em: 17 jul.
2021



Figura 4. Orgulho LGBT e a sua incorporação ao mercado

Fonte: Geração sem gênero, 2020. Disponível em: <
<https://www.flickr.com/photos/193467711@N05/51318170916/in/dateposted-public/>> Acesso em: 17 jul.
2021

Logo em seguida, na produção da Brasil Paralelo, para horrorizar o público e angariar definitivamente seu apoio, o principal pânico moral é acionado: a “ideologia de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

gênero” - que seria promovida por feministas, movimento LGBTQIA+, grande mídia e sistema corrompido - é associada à pedofilia e à sexualização de crianças. Isto é sugerido pelo menos duas vezes: quando evoca o caso da performance chamada *La Bête*, exibida pelo artista Wagner Schwartz, no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo, no ano de 2017, e quando mostra imagens do longa-metragem *Cuties*¹⁶ (2020).

Schwartz, que se apresentava nu em público na *La Bête*, o que fazia parte de sua apresentação, teve um dos pés tocado por uma criança que estava acompanhada da mãe. A performance, agora sugerida como perversão na produção audiovisual da Brasil Paralelo, na época também foi condenada por outros grupos reacionários - possivelmente não tanto por questões morais, mas como tática para ganhar atenção, que poderia ser, e foi, convertida posteriormente em votos e cargos políticos – como o Movimento Brasil Livre (MBL), que, na época, chamou a apresentação de “repugnante”, “inaceitável”, “erotização infantil”, “afronta” e “crime” (G1, 2017).

A produtora de extrema-direita, repetida e seguidamente, busca causar impacto e choque na opinião da sua audiência, mesmo que este efeito seja causado a despeito da falta de veracidade de suas narrativas. A falta de honestidade intelectual da Brasil Paralelo se constitui como *modus operandi* da empresa, pois, apesar de contar com mais de uma centena de profissionais a seu serviço (ZANINI, 2021) e orçamento milionário, a produtora de vídeos, que diz levar conhecimentos históricos, políticos, filosóficos e de toda sorte de áreas a seu público, transmite a este grande quantidade de informações falsas. No caso desta produção audiovisual, uma forma de operar o sensacionalismo se dá pela detonação de um pânico moral em relação à sexualidade.

Para Miskolci (2007), pânicos morais se caracterizam pelo medo social em relação às transformações, especialmente as entendidas como repentinas, que seriam vistas como mais ameaçadoras. Exemplos de pânicos morais em relação ao sexo foram as do início dos anos 1980, com o surgimento da aids, vista como “peste gay”, e, mais recentemente, no Brasil, a do casamento entre pessoas do mesmo sexo, que sofreu grande mobilização contrária por parte de grupos sociais, religiosos e parlamentares reacionários. Na atualidade, o reconhecimento de direitos sexuais e reprodutivos para

¹⁶ A obra ganhou o título de *Lindinhas* (2020), na versão brasileira da Netflix. A produção francesa foi originalmente intitulada como *Mignonnes*. O filme foi roteirizado e dirigido por Maimouna Doucouré

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mulheres e LGBTQIA+, na ordem burguesa, aciona pânico morais como os da película da Brasil Paralelo.



Figura 5. Performance La Bête e ativação do pânico moral

Fonte: Geração sem gênero. Disponível em: <
<https://www.flickr.com/photos/193467711@N05/51317469267/in/dateposted-public/>> Acesso em: 17 jul.2021.

Após o jogo de imagens, músicas e mensagens dos primeiros minutos, a película passa a, supostamente, discutir de forma mais aprofundada o que seria a ameaça da “ideologia de gênero” na educação em território nacional. A voz grave e séria de um homem, que poderia ser a de um âncora de telejornal, então noticia que “em novembro de 2020, a ideologia de gênero entrava na pauta de votação do Supremo Tribunal Federal” (GERAÇÃO SEM GÊNERO, 2020, 4m58s), seguida do que seria a voz de um repórter, que diz que o ponto mais polêmico “gira em torno da ideologia de gênero. As escolas seriam obrigadas a adotar os princípios de que as pessoas não nascem homem ou mulher, mas escolhem o sexo depois, ao decorrer da educação”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tal “notícia”, que tem obviamente como alvo estudantes, refere-se à Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5.668/ 2017 e encontra um grande problema, pois se trata de mais uma informação falsa propagada pela produtora de conteúdos, pois a referida ADI 5.668, perpetrada pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), consiste apenas em fazer o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecer o dever de escolas públicas e particulares de prevenir e coibir o *bullying* e a discriminação por identidade de gênero e por orientação sexual, sendo respeitadas as identidades de crianças LGBTQIA+ nas instituições de ensino (STF, 2017).

A ADI em questão nada diz sobre “obrigar” escolas a reconhecer que seus estudantes não possam ser tratados como homens e mulheres, como informa a película da Brasil Paralelo, mas podemos inferir que a propagação dessa mentira pela empresa toma como base de comparação as legislações de outros países que reconhecem legalmente a omissão do registro de gênero, o direito a indicar o próprio gênero ou mesmo o registro de um gênero neutro, indeterminado ou terceiro gênero – a depender da nação - nas certidões de nascimento e em outros documentos pessoais na Alemanha, Austrália, Nova Zelândia, Nepal, Paquistão, Bangladesh, Índia, Canadá e Malta (Deutsche Welle, 2017).

Utilizando de táticas herdadas ou parecidas do Movimento Escola Sem Partido (MESP) - que tornou a escola, mais do que nunca, um bastião conservador da “moral e dos bons costumes”, mas ao mesmo tempo fonte de inesgotáveis preocupações e ameaças à “família” e à sociedade -, a Brasil Paralelo tem na educação uma grande fonte de inspiração para a criação de seus mitos. A partir deste exemplo, mas também de outros, percebemos então uma sétima ferramenta discursiva usada de forma estratégica pela Brasil Paralelo: o apelo à qualidade técnica profissional de suas películas, que utilizam tons documentais e jornalísticos, como fator determinante para o convencimento do público, independentemente da veracidade dos fatos narrados.

A continuação desta pesquisa, em desenvolvimento, tem como objetivo utilizar o ensino de História para debater assuntos como a desconstrução histórica e social de gênero, abordando masculinidades e feminilidades; a historicidade das sexualidades; a contribuição da interseccionalidade para uma análise mais robusta da realidade social; a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diversidade de famílias em diferentes tempos e lugares e a problematização histórica da ideia de natureza.

FONTES

BRASIL PARALELO. 2021a. Canal no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeBmdaiicey2nImISw>> Acesso em: 10 Jul 2021.

BRASIL PARALELO. 2021b. Site próprio. Disponível em: <<https://site.brasilparalelo.com.br/home/>> Acesso em: 08 Jul 2021.

GERAÇÃO SEM GÊNERO: as grande minorias (episódio 2). Produção: LHT Higgs Produções Audiovisuais LTDA. Brasil: Brasil Paralelo. Youtube, 2020 (38m45s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EOdcJ7JuiXk>> Acesso em: 14 Mai 2021.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/22396/13408>> Acesso em 29 Jul 2021.

BOLETIM DA LIBERDADE. Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. 19 Jul 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>> Acesso em: 01 Jul 2021.

CARVALHO, Roldão P.; ROVIDA, Mara. Escravidão e racismo: análise sobre uma das abordagens dos grupos conservadores-liberais. 2018. Disponível em: <http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT10-A3/pdf_118> Acesso em: 02 Jul 2021.

DEUTSCHE WELLE. Onde o terceiro gênero é reconhecido no mundo. 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/onde-o-terceiro-g%C3%AAnero-%C3%A9-reconhecido-no-mundo/a-41302711>> Acesso em: 11 Jul 2021.

G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. 29 Jul 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>> Acesso em: 11 Jul 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 10 Jul 2021.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339954301008>> Acesso em: 20 Mai 2021.

PAULO, Diego M. D. Os Mitos da Brasil Paralelo. Le Monde Diplomatique Brasil. 18 Mai 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/os-mitos-da-brasil-paralelo/>> Acesso em: 03 Jul 2021.

STF. ADI 5.688. 2020. Relator Ministro Edson Fachin. Disponível em: <<http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=311790779&ext=.pdf>> Acesso em: 10 Jul 2021.

TIBURI, Marcia. A funcionalidade da “ideologia de gênero” no contexto político e econômico brasileiro. 2018. Disponível em: <<https://nuso.org/articulo/funcionalidade-da-ideologia-de-genero-no-contexto-politico-e-economico-brasileiro/>> Acesso em: 17 Dez 2020.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser Netflix da direita. 29 Mai 2021. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>> Acesso em: 07 Jul 2021.